

# Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística

Atena Editora

Atena Editora

LÍNGUA PORTUGUESA, LINGUAGEM E  
LINGUÍSTICA

---

Atena Editora  
2017

2017 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª. Drª. Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A864I

Atena Editora.

Língua portuguesa, linguagem e linguística / Atena Editora. –  
Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2017.

2.377 kbytes

Formato: PDF

ISBN 978-85-93243-52-3

DOI 10.22533/at.ed.523170412

Inclui bibliografia

1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Título.

CDD-410

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

2017

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Atena Editora

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## Sumário

### CAPÍTULO I

A DIMENSÃO DISCURSIVA-ARGUMENTATIVA DAS REPETIÇÕES COMO ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS NO GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR: UM OUTRO PENSAR SOBRE O TRABALHO COM TEXTOS

*Aline Batista Rodrigues e Rosinélio Rodrigues da Trindade* .....5

### CAPÍTULO II

A LINGUAGEM ENTRE TUTOR-CURSISTA EM CURSO SEMIPRESENCIAL DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

*Alyson Bueno Francisco* .....18

### CAPÍTULO III

REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DO MITO DE DON JUAN

*Angeli Rose* .....30

### CAPÍTULO IV

AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS SOB UM NOVO OLHAR NA FORMAÇÃO ÉTICA E MORAL DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Francilva Costa de França*.....56

### CAPÍTULO V

CONVERSAÇÃO NA WEB: UM ESTUDO DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS EM USO NO FACEBOOK

*Elisiane Araújo dos Santos Frazão e Veraluce da Silva Lima*.....67

### CAPÍTULO VI

DRÁCULA DE BRAM STOKER: O PROTAGONISTA IMORTAL

*Iliane Tecchio e Tairine Maia Silva*.....81

### CAPÍTULO VII

ENTRE FRONTEIRAS CULTURAIS: AS ESTRATÉGIAS DA EMPRESA COLONIAL PORTUGUESA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO HÍBRIDO EM VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO, DE MIA COUTO

*Eliana Pereira de Carvalho*.....91

### CAPÍTULO VIII

LEITURA, ESCRITA E CRITICIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS PRODUZIDOS POR ACADÊMICOS DO 6º PERÍODO DE LETRAS DA UEMA/CESJOP

*Artemio Ferreira Gomes e Marcos Antônio Fernandes dos Santos*.....104

CAPÍTULO IX

PRODUÇÃO ESCRITA DE GÊNEROS TEXTUAIS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO DAS TEORIAS LINGUÍSTICAS DE ABORDAGEM LEXICAL E APRENDIZAGEM BASEADA EM TAREFAS

*Tiago da Costa Barros Macedo.....115*

CAPÍTULO X

UMA SÃO LUÍS DE EXCLUSÕES: UM OLHAR SOBRE OS MARGINALIZADOS NO ROMANCE VENCIDOS E DEGENERADOS

*Paloma Veras Pereira e José Dino Costa Cavalcante.....129*

Sobre os autores.....145

## **CAPÍTULO X**

### **UMA SÃO LUÍS DE EXCLUSÕES: UM OLHAR SOBRE OS MARGINALIZADOS NO ROMANCE VENCIDOS E DEGENERADOS**

---

**Paloma Veras Pereira  
José Dino Costa Cavalcante**

## UMA SÃO LUÍS DE EXCLUSÕES: UM OLHAR SOBRE OS MARGINALIZADOS NO ROMANCE VENCIDOS E DEGENERADOS

**Paloma Veras Pereira**

Universidade Federal do Maranhão

São Luís – Maranhão

**José Dino Costa Cavalcante**

Universidade Federal do Maranhão

São Luís – Maranhão

**RESUMO:** O presente artigo, com base no romance *Vencidos e Degenerados* (1915), do escritor José do Nascimento Moraes, expõe um olhar acerca do cotidiano dos excluídos em uma São Luís perpassada pelo decaimento social. Para tanto, discorreremos acerca de dois eixos analíticos: a abolição da escravidão dos negros e mulatos e o posterior lugar e discursos em torno deles, bem como os embates em relação ao desenvolvimento das letras fomentado pela arraia miúda – intelectuais que, devido à posição que ocupam no seio social e à falta de investimentos para permanecer no torrão natal – veem-se cerceados quanto ao ofício de escrever e divulgar suas ideias. É importante ressaltar que a narrativa insere-se no período de revivência intelectual idealizado pelo grupo dos Novos Atenienses, o qual se destacou pelo desejo de reavivar o mito da Atenas Brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Excluídos. Novos Atenienses. Literatura. Sociedade.

### 1. INTRODUÇÃO

Nascido sob um panorama inglorio e de decadência da São Luís do início do século XX, o romance *Vencidos e Degenerados* (1915), do escritor e jornalista José do Nascimento Moraes, traz a lume um enredo em que a maioria dos personagens – os excluídos – convive em um espaço marcado pelo atraso social e pela falta de perspectiva, embora tenham vivenciado um breve momento de expectativas de mudança no quadro social após a oficialização da liberdade através da Lei Áurea. Nesse sentido, tendo por princípio a simbólica data de 13 de maio de 1888, um dos aspectos mais emblemáticos da obra concerne à descrição, sob um ponto de vista negativo, dos modos de vida dos negros e mulatos escravizados assim que ocorreu esse fato, bem como a dificuldade de convivência entre eles e os que detinham o poder econômico e o capital cultural prestigiado socialmente.

Na cidade vencida construída por Nascimento Moraes, a intelectualidade produzida pelos menos abastados da sociedade é perpassada pelo cerceamento e pelas dificuldades de produção, difusão e circulação, isso porque, criticando acerbamente a estrutura decrépita e a falta de investimento real para ocasionar a mudança e, sobretudo, apontando os velhos estigmas e preconceitos, os que se propunham a refletir e repensar o quadro social vigente não encontravam meios para operar as transformações necessárias.

Diante desse cenário, é relevante mencionarmos que o teor ácido da obra apresenta uma intrínseca relação e diálogo com uma série de produções – literárias, jornalísticas, historiográficas – que configuraram o arcabouço das letras no período de transição entre os séculos XIX e XX ao apresentar como um dos principais temas o discurso da decadência experimentado e arraigado no imaginário social da época. Esse discurso, que figura como um marco na memória do Maranhão, desenvolveu-se por meio de várias esferas, a exemplo da falta de base sólida na economia, das difíceis relações e condições de trabalho, da segregação étnica e ainda da dificuldade encontrada para o florescimento literário.

No que concerne ao último aspecto, ao longo da Primeira República, o grupo autodenominado Os Novos Atenienses surge e firma-se no seio social como uma geração de pensadores cujo intuito era reatar e manter a aliança de uma tradição de intelectualidade e destaque construída em torno daqueles que fizeram parte da chamada Atenas Brasileira. Cabe pontuarmos que, perpassados por atravessamentos sócio-históricos díspares, essas duas gerações encontram como ponto de congruência o paradoxo entre a opulência e o decaimento, pois enquanto os Atenienses desenvolveram-se durante a Idade de Ouro do Maranhão – em plena efervescência de projetos desenvolvimentistas para o estado – os seus sucessores viram essas bases serem derrubadas e o franco declínio acontecer.

Nascimento Moraes, partícipe da juventude combativa e reflexiva dos Novos Atenienses, apresenta na obra *Vencidos e Degenerados* a dificuldade para se viver em um local eivado de mazelas no plano moral, material e intelectual. Nessa ótica, o romance possibilita-nos vislumbrar um diálogo entre literatura e sociedade, visto que, para elaboração do estético, há, conforme Candido (2006), uma relação com os elementos externos – os fatores sociais – os quais não devem ser vistos como causa ou significado do fazer literário, mas sim como constituintes que corroboram em sua arquitetura.

Dessa forma, é objetivo deste estudo analisar o cotidiano dos excluídos na narrativa de *Vencidos e Degenerados*, considerando para essa categoria alguns personagens – Andreza, Zé Catraia, João da Moda e Domingos Daniel Aranha – que simbolizam os ex-cativos e seus desdobramentos na sociedade pós-abolição. Da mesma maneira, pretendemos expor como ocorria o desenvolvimento da atividade intelectual difundida por aqueles – João Olivier, Cláudio Olivier e Carlos Bento Pereira – cuja voz não alcançava ressoar no bojo social.

## **2. O ENTRELAÇAMENTO DOS FIOS DA LITERATURA, DA HISTÓRIA E DA SOCIEDADE: RELAÇÕES ENTRE NARRATIVAS HISTÓRICAS E LITERÁRIAS**

No escopo dos estudos literários, muitas são as indagações e os questionamentos acerca de como proceder para compreender a arte literária e seus desdobramentos. As tradicionais perspectivas da crítica e mesmo das teorias que fundamentam a(s) análise(s) da literatura, não raro, levam-nos a refletir sobre perguntas corriqueiras, como o que tomamos por base quando o objeto é ficcional?

ou ainda qual a concepção de literatura para o analista?

Nesse sentido, Compagnon (2010, p. 25) afirma que “[...] todo discurso sobre a literatura, todo estudo literário está sujeito, na base, a algumas grandes questões, isto é, a um exame de seus pressupostos relativamente a um pequeno número de noções fundamentais”. Estas dizem respeito àquilo que o autor chama de elementos indispensáveis para que haja literatura, dentre os quais estão a literariedade, a intenção, a representação e a recepção, que, respectivamente, concernem à literatura per se, ao autor, ao mundo e ao leitor. Diante disso, Compagnon reitera que a análise da literatura deve ser perpassada pelo olhar teórico-científico, não com base no que chama de senso comum.

Ainda assim, é necessário sabermos que “Em matéria de crítica literária [...] todas as palavras que conduzem a categoria são armadilhas” (COMPAGNON, 2010, p.24), isto porque, muitas vezes, uma visada teórica surge como antípoda aos pressupostos já estabelecidos por outra. Caso clássico e emblemático, nesse panorama, refere-se a quando pomos em pauta se a literatura é um campo em si, ou seja, concerne aos fatores da linguagem e da estética ou se a arte literária mantém uma indissolúvel ligação com o mundo, isto é, se a referencialidade pode ser vista como um teor constitutivo e explicativo da literatura. A respeito dessa discussão, Candido (2006) aponta para um quadro que perdurou por anos nos estudos literários:

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. (CANDIDO, 2006, p.13).

A partir de quais pressupostos, então, podemos refletir sobre esse ponto? A literatura, conforme a proposta de Jakobson e outros teóricos, a exemplo de Barthes, é autorreferencial/autotélica ou, com base no tradicional conceito de mimêsis, seria uma imitação/representação da natureza? Compagnon (2010), percorrendo sobre o cerne das referidas questões aponta que Roman Jakobson, distinguindo seis funções linguísticas (cujos centros são o emissor, a mensagem, o destinatário, o contexto e o contato), afirmou que a função poética, prevalecendo sobre a referencial, está diretamente relacionada à literatura, já que a mensagem seria seu ponto nevrálgico. Por sua vez, o autor cita que a mimêsis, a partir da Poética de Aristóteles, “é o termo mais geral e corrente sob o qual se conceberam as relações entre a literatura e a realidade” (COMPAGNON, 2010, p. 97), constituindo-se como o marco sobre o qual repousa o ideário de verossimilhança em relação ao sentido natural (eikos, o possível), à cultura (doxa, a opinião) e, sobretudo, à “representação de ações humanas pela linguagem.” (Idem, Ibidem, p. 104).

Após percorrer uma vasta discussão, Compagnon assinala que seria

infrutífero pensar nas duas dimensões teóricas apresentadas de forma estanque, não dialógica. Por isso, pontua que “[...] o fato de a literatura falar da literatura não impede que ela fale também do mundo”. (COMPAGNON, 2010, p.126). Na mesma perspectiva, sob o ponto de vista contemporâneo, Candido corrobora ao afirmar que:

[...] a integridade da obra [...] só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (CANDIDO, 2006, p.13-14).

Diante deste cabedal, realizar um estudo cujo objeto é um texto literário pressupõe, em um primeiro olhar, traçar passos analíticos em um caminho constituído pelo ficcional, sendo este, convencionalmente, dito como desvincilhado de um compromisso com a realidade objetiva, imediata. Não obstante, embora haja certo consenso sobre esse ponto de vista simplista, é preciso observarmos a literatura enquanto campo do simbólico e “um produto cultural” (FACINA, 2004, p. 10) e, portanto, permeada pelas práticas sociais marcadas pelos distintos e complexos conflitos e vivências que perpassam os partícipes da sociedade. Desse modo, pensar a relação entre o literário, o histórico e o social diz respeito ao modo como uma obra “reflete uma ideologia, uma sensibilidade de uma época” (COMPAGNON, 2010, p. 203). Convém assinalar que

[...] a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. A literatura [...] é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico. (BORGES, 2010, p. 98).

Sendo assim, a literatura, enquanto lugar de produção e efeitos de sentidos, é uma “linguagem carregada de significados” (POUND, 2013, p. 35), da qual emerge, às vezes, uma tênue e importante relação com os aspectos da vida em sociedade. Portanto, o texto ficcional é tido como lugar de inscrição dos conflitos históricos, do atravessamento do ideológico, da manifestação da memória coletiva que perpassa o fio das eras, constantemente ressignificado pelas (re)configurações das práticas sociais e discursivas plasmadas em forma de arte, a qual

[...] depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2006, p. 30).

Observamos que “a necessidade histórico-social” e fatores oriundos da linguagem estão acoplados às formas do fazer literário. Nessa atmosfera, a dimensão histórico-social desempenha dado papel na constituição do sentido da arte literária e isso é relevante para notarmos que a linha intermediadora entre literatura e sociedade é tênue, visto que o texto ficcional, ora de forma nítida, ora de maneira turva, apresenta os fatores de ordem social como fundamentais na construção estética.

No que concerne ao diálogo entre a literatura e a história, Hanciau (2001) destaca os ideários que por muito tempo perduraram sobre aquilo que se dizia acerca dos dois campos e, principalmente, as linhas delineadas para opor o que remetia ao literário e aos traços próprios da história. Para a autora, a História – enquanto ramo do saber dotado de cientificidade – simbolizava, prioritariamente, “narração de fatos notáveis, ocorridos na sociedade, defendia a adequação de seu discurso à evidência dos fatos” (HANCIAU, 2001, p. 1); por sua vez, a literatura – o ficcional – “identifica-se com fingimento, simulação, invenção de coisas imaginadas” (Idem, *Ibidem*, p. 1). É perceptível, diante dessas afirmações, que a base para o distanciamento (calcado em estereótipos) entre essas formas narrativas está no compromisso com a verdade dos fatos narrados, pois ao passo que a História apresenta saberes oriundos de fontes documentais, das pesquisas sobre os acontecimentos, a literatura, embora dotada de verossimilhança, não possui o mesmo rigor formal, é aberta quanto à necessidade da “evidência dos fatos”.

Essa perspectiva estanca a respeito da literatura e da história, segundo Hanciau (2001), remodelou-se no final do século XX, quando as fronteiras entre as duas formas narrativas foram questionadas, “no que se denomina crise da consciência histórica”. As discussões erigidas, a partir desse momento, tiveram como alicerce a concepção de que tanto a narrativa histórica quanto a literária surgem como “discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto.” (PESAVENTO, 2003, p. 32).

Além disso, a visão que oferece uma proximidade entre os supracitados campos relaciona-se ao próprio trato com as formas de pensar e como elas manifestam-se pela (e na) linguagem. A história, assim como a literatura, é discursivizada através de sistemas de signos, os quais são terrenos de estratégias narrativas, de mecanismos de seleção e descrição dos fatos a partir de pontos de vista e óticas singulares. Indubitavelmente, esse entrelugar, no que tange às maneiras de narrar, expõe que “[...] a relação entre a História e a Literatura se

resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real” (PESAVENTO, 2004, p.80).

Perante este intrínseco diálogo, outros dois fatores são relevantes: a ideia de representação contida no âmbito literário e historiográfico e a perspectiva de analisar os escritores como indivíduos que são (também) constituídos pelas redes ideológicas que os permeiam. Sobre a representação, com base na perspectiva de Roger Chartier em *A história cultural*, Pesavento (2003) destaca que “tanto a História quanto a literatura são discursos distintos que almejam [...] representar inquietações e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história”. (PESAVENTO, 2003, p.81), isso porque a representação é uma forma de substituição, ou seja, torna presente uma ausência através de símbolos, da construção intertextual acerca do passado, dos personagens (no caso literário) que sugerem, tomam o lugar do outro, pondo-se no seu lugar. Acrescentamos a essa concepção que

A sintonia fina de uma época, fornecendo uma leitura do presente da escrita, pode ser encontrada em um Balzac ou em um Machado, sem que nos preocupemos com o fato de Capitu, ou do Tio Goriot e de Eugène de Rastignac, terem existido ou não. Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam, não no acontecer da vida. São dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida. Porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo. (PESAVENTO, 2003, p. 82-83).

Nessa conjuntura, dá-nos a indagar o que estaria por trás desse processo criador/criativo que faz com que um escritor, pelas metáforas, pelas alegorias, pelo representar, apresente traços e personagens que encaminham nosso olhar para os aspectos sociais (re)modelados em suas obras. Facina (2004), citando os pressupostos de Lucien Goldmann em *Sociologia do romance*, afirma que este crítico considera as criações literárias como não sendo elaboradas por um indivíduo isolado, pois as visões de mundo postas por ele “são compartilhadas e também referidas a grupos sociais mais amplos e, nesse sentido, são coletivas” (FACINA, 2004, p.32). Diante disso, o sujeito criador seria “o coletivo”, já que sua expressão artística estaria imbuída da “consciência empírica de um grupo ou classe social, captando as ‘estruturas significativas’.” (Idem, *Ibidem*, p. 33). A isso se endossa:

[...] os escritores são produtores de sua época e de sua sociedade. Desse modo, mesmo o artista mais consagrado, considerado alguém dotado de um talento especial que o destaca dos outros seres humanos, é sempre um indivíduo de carne e osso, sujeito aos condicionamentos que seu pertencimento de classe, sua origem étnica, seu gênero e o processo histórico do qual é parte lhe impõem. Sua capacidade criativa se desenvolve num campo de possibilidades que limita a sua liberdade de escolha. Nessa perspectiva, faz pouco sentido afirmar coisas do tipo “tal escritor estava à frente de seu tempo”, pois, ainda que não seja compreendida ou admirada em sua época e só venha a ser consagrada

posteriormente, toda criação literária é um produto histórico, produzido numa sociedade específica, por um indivíduo inserido nela por meio de múltiplos pertencimentos. (FACINA, 2004, p. 9-10).

Indo ao encontro desses preceitos e considerando que “é através da linguagem que o escritor se apropria do mundo e inventa sua própria realidade” (FACINA, 2004, p. 8), é que faz sentido, para nós, observar as obras literárias enquanto frutos dos paradigmas e tensões das épocas nas quais são elaboradas, havendo, também, resquícios aparentes ou opacos das memórias históricas e sociais que estiveram na confluência de suas produções. Sendo assim, toda essa discussão é um solo profícuo para pensarmos o porquê de um debruçar sobre os acontecimentos históricos que marcaram no tempo e no espaço o surgimento de cada criação literária.

### **3. EUFORIA E DESILUSÃO: A CHEGADA DA ABOLIÇÃO E AS IMPLICAÇÕES PARA OS EX-ESCRAVOS**

A literatura maranhense a partir da segunda metade do século XIX, estendendo-se às décadas iniciais do século XX, destacou-se, entre outros fatores, pela vertente engajada de seus autores quanto à abordagem da escravidão no Brasil. Surgiu, em meio a esse cenário, uma série de produções literárias apresentando como viés recorrente a abordagem da figura do escravizado perpassando desde o trajeto por ele realizado – a vinda massacrante dos africanos para o Brasil –, até seu sucumbir mediante a opressão imposta nessa terra e o desejo de alcançar a liberdade que lhes foi subtraída.

Assim, os intelectuais – como Maria Firmina dos Reis, Celso Magalhães e Nascimento Moraes – propiciaram um espaço em que fosse possível refletirmos sobre nossa formação cultural, de modo que compreendêssemos a construção do passado e as imbricações dele para as discussões que movem as relações culturais, étnicas e de poder que nos circundam. É dessa forma que vemos a literatura como um valioso meio para representação dos conflitos sociais, econômicos e culturais da sociedade. É nessa perspectiva que faz sentido pensar que “entender a literatura significa, então, entender todo o processo social do qual ela faz parte”. (EAGLETON, 2011, p.19).

Nascimento Moraes ao apresentar *Vencidos e Degenerados*, em 1915, cria no imaginário do leitor, por meio do enredo do romance, o emaranhado de sensações vividas no dia 13 de maio de 1888: a euforia, a esperança, a expectativa de chegar a hora do ponto final na escravidão de negros e alguns mestiços no Brasil. Assim, diante de auspícios de um novo resplandecer, a narrativa inicia em uma morada na Rua São Pantaleão, onde abolicionistas aguardam a notícia, para logo após, saírem em passeata pelo fim da escravidão – uma ruptura com uma prática que legaria discussões que se estenderiam ao longo da trajetória histórica do Brasil.

Às oito horas da manhã do dia 13 de maio de 1888 a residência de José Maria Maranhense, na Rua São Pantaleão, uma meia-morada de bons cômodos regurgitava de gente.

Os que lá se achavam naquela gloriosa manhã eram pessoas de diversas classes sociais, desde o funcionário público e o homem das letras até artistas, operários livres, não faltando vagabundos e desclassificados. (MORAES, 2000, p. 27).

Nessa ocasião, o que se põe em relevo é a importância do término da exploração do homem pelo homem. A intelectualidade e o debate, nesse princípio, mostram que uma cidade de mudanças é construída por aqueles que lutam em prol da erradicação das disparidades sociais, não pondo de lado, naturalmente, as pessoas “de diversas classes sociais”, as quais simbolizam o envolvimento de todos em uma tentativa de trazer novos contornos à sociedade, nesse caso, a cidade de São Luís.

Destacam-se, nesse momento da narrativa, os personagens José Maria Maranhense e João Olivier – dois mestiços politizados que encabeçam, na obra, o movimento abolicionista, e, após a notícia da abolição, continuarão sendo atuantes quanto ao embate às vicissitudes de sua terra natal. Os dois, quando receberam o telegrama foram assim retratados:

Maranhense não se tinha em si de alegria: a todos abraçava, atabalhoadamente, derramando uma verbosidade sem fim. Olivier, ufano, chega à janela e fala ao povo que se apertava na **rua estreita**. Nesta ocasião rebenta um grupo de abolicionistas, companheiros de Maranhense, rompendo violentamente na rua estreita. Levantou-se novo aranzel: novos discursos, novos abraços, José Maria não se contém: lança-se, por sua vez, à janela, e saúda os seus irmãos de luta. Vitor Castelo responde, inflamado, fegoso, sacudindo o chapéu ao ar, num estrondoso viva à Isabel! (MORAES, 2000, p.35, grifo nosso).

Essa “rua estreita” que vibra diante de uma conquista aguardada, em nossa concepção, representa a cidade em que todos os sonhos cabiam, lugar da esperança comum aos segregados, cujas expectativas eram tamanhas que o espaço tornou-se limitado para as projeções feitas por uma sociedade marcada pelo atraso e desigualdade – uma cidade vencida.

Os protagonistas da abolição – os escravos – também ocupavam seu reduto na cidade nesse momento e, igualmente, vibravam. Eles são postos, inicialmente, em um momento de frenesi: “Pelas ruas cruzavam-se grupos e grupos de escravos, a gritar, loucos de satisfação; outros berravam obscenidades que iam bater nas janelas dos escravocratas: insultos soezes, ofensas terríveis, contra a família dos ex-senhores” (MORAES, 2000, p.35).

Essa “loucura” externava a voz que, por anos, foi abafada. Imediatamente após a ratificação da Lei Áurea, mesmo sem saber qual seria o caminho e/ou a nova trajetória que percorreriam, os escravos reagiram de modo faiscante à sua condição de livres, de sujeitos cujas amarras literais deixaram de tolher sua existência, limitada a uma visão braçal, de instrumento para a formação de riqueza de outrem. Dessa forma:

Momentos depois de proclamada a Lei, começou a divulgar-se a notícia de que uma escrava ao passar pela Rua dos Afogados, dera uma bofetada numa senhora que estava à janela. Esta senhora passara por amarga decepção: viu saírem, portas afora, sem um adeus, desvairados pela comoção da notícia, todos os seus escravos. Diziam os que a conheciam que era uma mulher má, sedenta de cruéis castigos, e que se apontava, distinta, pela impiedade de sua cólera, pelo arrebatamento do gênio irascível e impensados ações.

[...]

E em muitas casas se passaram cenas deprimentes e tristes: escravos dando a expansão à raiva e ao ódio cometeram desatinos de toda a espécie, quebrando móveis e louças, e mais objetos que se lhes deparavam, e **deixaram, a blasfemar, o teto onde tão desgraçados dias viveram**, atirando ferinos e brutos improperios que se iam quebrar, como garrafas e vidros, nas rótulas, nas portas, e na alma aniquilada dos infelizes ricaços de ontem, que se viram em grande parte, pobres de um momento. (MORAES, 2000, p.36-37).

É visível que a quebra das algemas da escravidão abalou a ordem social, para a qual “pertencer à primeira sociedade era possuir, pelo mesmo, duas ou três cabeças de negros” (MORAES, 2000, p.37). Essa simbologia do poderio dos escravocratas foi rompida, não obstante, novas práticas serão fomentadas e, os recém-libertos passarão por uma resignificação. Nesse sentido, não mais a escravidão será, na obra, o parâmetro para desigualdade social, mas sim outros fatores, tão segregadores quanto.

Ademais, ao passo que alguns ex-escravos estavam nas ruas da Praia Grande, outros comemoravam no bairro do Desterro, distante de uma comemoração comedida. Eles eram aqueles que se revigoraram ao sentirem-se livres do aprisionamento que os cerceavam. Nesse sentido, o fragmento a seguir corrobora com essa visão:

Discutiam [os negros], praguejavam, gesticulavam e ninguém se entendia. Ouviam-se destacados, perdidos, na medonha e intensa algazarra, nomes de crudelíssimos senhores de escravos, de feitores sangrentos e para logo se nomeavam alguns mansos e delicados. (MORAES, 2000, p.38-39).

A expectativa, nesse momento inicial da obra, pode ser resumida com o que afirma João Olivier:

[...] O grande acontecimento de ontem, que ainda hoje se festeja, que se festejará sempre, por causa de sua alta importância político-social, este acontecimento me veio encher de esperanças no peito. A liberdade dos negros vem contribuir para o desenvolvimento desta terra infeliz, e dar-lhes novas formas, novos elementos, novos aspectos... Esta fidalguia barata virá caindo aos poucos e o princípio de confraternidade virá acabar com estas supostas e falsas superioridades do ser, que tem sido um dos mais vis preconceitos da nossa existência política. (MORAES, 2000, p.67, grifos nossos).

Esse “grande acontecimento” foi, para os ex-cativos e para aqueles que buscavam a liberdade deles, sinônimo de motor da transformação social de São

Luís. Nos dias que se sucederam a esse fato, o que ficou aos olhos dos escravos foi a sensação de que todos viveriam a igualdade conclamada.

Não obstante, o tempo e o espaço foram implacáveis na construção do novo cotidiano, pois, à medida que houve a institucionalização do término da escravidão, pensava-se que haveria uma reconfiguração quanto ao espaço ocupado pelos ex-escravos na sociedade. Esse lugar, proposto na obra, não foi de centralidade, de inclusão, mas sim de margeamento. Esperava-se que a abrangência dos direitos sociais e políticos amparassem efetivamente a todos, assim como toda cidade passasse por uma efusiva renovação.

A respeito disso, observamos mais uma vez alusões a fatos históricos como sinônimos de novos contornos para a cidade de São Luís: a Lei Áurea e a Proclamação da República. Protagonizando uma discussão sobre esses marcos históricos estão os personagens João Olivier – jornalista e guarda-livros e Carlos Bento Pereira, um professor “considerado um dos maiores políglotas, uma das mais vastas ilustrações de que se honrava o Maranhão, nesse tempo.” (MORAES, 2000, p.74). No diálogo entre esses homens das letras, no tocante à inserção educacional e cultural dos que um dia foram escravos, bem como ao progresso esperado, observamos o que figura como uma síntese e acentuada crítica ao desamparo a que estes foram relegados:

Quando se proclamou a liberdade dos escravos eu tinha a alma cheia de esperanças. Estava até certo ponto convencido de que nos bastaria dar um passo para atingirmos certo ponto convencido de que nos bastaria dar um passo para atingirmos certo grau de prosperidade e começarmos a ser felizes. A Proclamação da República ainda mais esperanças me trouxe. Avigoraram-se-me as crenças e cheguei a sonhar com um Maranhão intelectualmente e moralmente livre, a ascender como um deus!

[...]

[Mas] Só se poderia dar semelhante transformação [na sociedade] se os ex-escravos e seus filhos depressa aprendessem a ler e a escrever e muito cedo percebessem que coisa é essa que se chama direito político. -Mas é que não abriram escolas ao povo, não procuraram matar o analfabetismo, não foram verdadeiros republicanos os que se apossaram do poder... (MORAES, 2000, p.76-77).

De acordo com essa citação, os ex-escravos não tiveram direitos sociais básicos assegurados e, esse fato, que pode parecer uma falta inconcebível a qualquer partícipe social, faz-nos rememorar uma segregação histórica incorrida não só em São Luís, mas também em todo Brasil dessa época. Assim, o julgo pelas condições de vida e o não acesso a direitos essenciais são dois fatores que caracterizam as ruínas constituintes de São Luís no final do século XIX e início do século XX.

Nessa ótica, os braços que foram o sustentáculo econômico dessa sociedade durante um significativo lapso temporal foram, maciçamente, encontrando novos postos de trabalhos – maneiras com as quais puderam encaixar-se em um solo segregador. A exemplo disso, observemos o caminhar de João Olivier em um dia comum nas ruas de São Luís:

[...] Ele foi caminhando pela Rua do Trapiche abaixo. [...]. E foi seguindo até a esquina da rua com o beco que vai ter à Rampa Campos Melo. Aí parou, apoiando-se com o chapéu, que a mão direita segurava, e metendo a esquerda no bolso da calça lançou o olhar observador em derredor: bem defronte, na calçada oposta, **uma mulata velha vendia doces a caixeiros e populares** que passavam; mais adiante **uma preta vendia comida feita, arroz-de-toucinho e feijão** a duzentos réis o prato. (MORAES, 2000, p.58, grifos nossos).

Esse cotidiano laboral em São Luís, além do exposto, é representado em múltiplas vertentes, visto que o narrador apresenta-nos as relações dos personagens com o trabalho em três perspectivas: aqueles que trabalham por necessidade – os promissores, consoante a obra, os que desenvolvem suas funções a fim de manter as aparências sociais – pessoas que, vivendo em situações precárias, esmeram-se para apresentar o contrário e, os que trabalham por vaidade – os descendentes da elite local, oriundos das tradicionais famílias do Estado.

Os dois últimos grupos assinalados contribuíram para a manutenção do desvirtuamento moral de São Luís, pois, ao passo que o trabalho era visto como um potencial distintivo entre as classes e não um parâmetro para a mudança social, notamos que a importância dada às pessoas não era concebida a partir de sua franqueza de espírito ou envolvimento com as preocupações de índole política ou com questões do trato social. Assim, segundo o romance, se não há mudança no interior do pensar humano, não poderia haver a aurora de uma nova civilização, pois enquanto ricos viviam na opulência, os pobres ilustravam como a desigualdade social era o fator preponderante em sua existência. Schwarz (1990) corrobora com tal perspectiva ao afirmar que:

Forma literária e relação social injusta respondem uma à outra com rigor, de sorte que o exame de um polo implica na fixação de dimensões do outro. A discriminação histórica da matéria tratada é um requisito, no caso, da apreciação crítica. (SCHWARZ, 1990, p. 83).

Os ex-escravos, não se destacando em quaisquer cargos de influência, são, consoante Lukács (2010), personagens problemáticos na cadeia do romance, pois realizam uma peregrinação, uma jornada inglória a partir das múltiplas tensões que passaram as transformações por eles sofridas. Assim:

O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento. (LUKÁCS, 2000, p. 82).

Ressaltamos ainda que o sentido da exclusão no romance não se restringe àqueles que, aos olhos da sociedade, são repletos de vícios ou apenas não detinham o capital econômico, já que alguns personagens que detinham o saber e a intelectualidade também sofriam com a dificuldade de meios para produzir e

difundir seus escritos. Nesse arcabouço, destacamos três personagens da narrativa: João Olivier, Cláudio Olivier e Carlos Bento Pereira, os quais se encarregam de tecer ácidas críticas à situação do marasmo configurador da cidade e, no caso de Cláudio, há a tentativa de trazer a São Luís um novo sopro de atividades literárias e jornalísticas.

Percorrendo uma trajetória de destaque, de embate e saída da terra natal em busca de meios para sustentar a família, João Olivier – “um mestiço que com dificuldade se colocara na imprensa e se fizera guarda-livros” (MORAES, 2000, p.28) –, atuou, primeiramente, como destacado abolicionista, um jornalista de estrela maior, que compunha a linha de frente nos debates acerca dos males da escravidão e sobre o contexto de crise e decadência de sua cidade.

O espírito combativo de Olivier perdurou por muito tempo e, como não se dava valor ao seu ofício e não fazia parte do grupo político “de posição do período” – ao qual tecia ásperas críticas –, acabou ficando sem fonte de renda e sendo largamente perseguido e silenciado.

Ao lado de João Olivier, sempre esteve o professor Carlos Bento Pereira – um homem cujas ideias são descritas como “superiores” e exemplo de lucidez quanto à situação de depauperamento do estado e também quanto ao discernimento do que faltava para o quadro social mudar: vontade política, falta de inclusão e investimento na educação, bem como modificação no modelo econômico vigente e postos de trabalho que abarcassem igualmente a todos. Nesse sentido, o grande feito do personagem concerne à escrita do Panfleto (síntese social e política) sobre a situação do Maranhão, que estava em um malogrado processo de decadência.

Outro intelectual da obra que sofreu inúmeros percalços em sua trajetória letrada, concerne a Cláudio Olivier – filho adotivo de João Olivier – que passou a ser a base para o sustento de sua família. O jovem, inconformado com a letargia literária de São Luís, consolida, com um grupo de amigos, o Grêmio Gonçalves Dias, bem como é um dos principais entusiastas para a fundação do jornal O Campeão. Como essa proposta foi elaborada por um rapaz que mal concluía os estudos e outros de quem “não se tinha conhecimento ou notabilidade social”, houve grande incredulidade sobre o potencial do grupo, opinião que não abalou os objetivos traçados:

Os gremistas fecharam os ouvidos ao falar mal e continuaram a secundar esforços. Saiu o segundo número, o terceiro, o quarto. Os jornais da terra que não souberam estimular os náveis intelectuais que, com tanto ardor, se entregavam às pugnas das letras, tiveram que envergonhar-se com os elogios que chegavam da imprensa de outros Estados, os quais eram propositadamente transcritos pelo Campeão. (MORAES, 2000, p. 107).

Não obstante, além da falta de recursos próprios para manter a unidade do grupo, houve um enfrentamento aos jovens intelectuais. Isso porque, inconformados com a evidência dos vencidos da terra, os que simbolizam o outro lado do escopo social, trouxeram a lume o Clube Odorico Mendes e o jornal O Triunfo não só para fazer frente a O Campeão, mas principalmente para evitar que

uma “imprensa menor” desse destaque à arraia miúda da sociedade.

- Vejam o futuro que há de vir por aí! Amanhã os filhos do desembargador Brito serão criados de um Cláudio Olivier, de um Plácido Monteiro, que naturalmente virão ocupar nesta sociedade as mais elevadas e honrosas posições!... [...] Era preciso reagir. (MORAES, 2000, p. 108, grifos nossos).

O futuro que “estaria por vir” foi cerceado, o Grêmio Gonçalves Dias e o jornal O Campeão foram dissolvidos, seus integrantes – que em sua maioria dependiam de mesadas e empregos conseguidos por outrem – foram aos poucos abandonando o ideal de renovação literária, os debates e as escritas de artigos de cunho político-social. Cláudio Olivier, aconselhado por seu pai biológico Daniel Aranha, deixa São Luís e encontra no Amazonas um reduto em que pôde exercer aquilo que não conseguia em seu berço – um espaço que lhe possibilitasse difundir suas ideias sem que elas fossem julgadas por quem as escreve, mas sim pelo que apresentam.

Dessa forma, “quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a construir uma estrutura peculiar” (CANDIDO, 2006, p.14). No caso em estudo, a peculiaridade conferida a *Vencidos e Degenerados* diz respeito ao fato dos escravos, depois de um período extenso, continuarem em uma posição inferior no seio social. A liberdade oficial não corroborou com a ruptura da desigualdade, já que a mudança, dentro do romance, não pôde ser feita de “baixo para cima”.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o enredo de *Vencidos e Degenerados* e a dimensão histórica proposta em seu bojo, observamos que o fim da escravidão foi acompanhado da manutenção da desigualdade entre os indivíduos. Assim, após as algemas literais serem passado para os negros e mestiços que foram escravizados, as novas correntes postas relacionaram-se à posição por eles ocupada diante da simbologia do poder econômico construído no final do século XIX e início do XX em São Luís.

Dessa forma, os ex-escravos têm como face constante o viver de vencidos, aqueles que buscaram meios, inglórios aos olhos dos outros, para sobreviver na São Luís apresentada no enredo. Nessa conjuntura notamos que o romance mantém relações essenciais com o fator social, que “se não explica a essência do fenômeno artístico, ajuda a compreender a formação e o destino das obras; e, neste sentido, a própria criação”. (CANDIDO, 2006, p.49).

Ressaltamos, pois, que São Luís, no enredo abordado, é uma cidade marcada pela desigualdade social, exclusão e segregação, principalmente dos antigos cativos. É de uma fina ironia uma das últimas passagens da obra que, indo “da Rua da Cruz até à Praça João Lisboa” mostra a comemoração acerca do 15 de

novembro no Teatro São Luís. Nessa ocasião havia espaço apenas para os representantes da elite ludovicense. Nesse sentido, aqueles que apareceram em uma figura central no início da narrativa – os negros e pobres – eram apenas expectadores de uma cidade em que “o primeiro que foi recebido com pancadaria da banda de música foi o governador do Estado, e [...] o Dr. Álvares Rodrigues, com sua excelentíssima esposa, filha do coronel pacato e dinheirudo”. (MORAES, 2000, p.278).

Nesse sentido, podemos notar que a construção dos ex-escravos em *Vencidos e Degenerados* traz a lume uma ampla descrição a respeito dos habitantes de São Luís, de modo a deixar visível como o estatuto de classes, acentuado após o término da escravidão, era uma expressão fundamental para as representações formuladas para cada partícipe social. Esse teor dá ênfase ao perfil da cidade de São Luís, a qual requeria uma política que abrangesse o desejo da população de haver melhorias nas condições de vida, o alcance da tão esperada mudança a partir do dia 13 de maio de 1888.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. In: Revista de Teoria da História. Ano 1, número 3, junho/2010. Disponível em: [https://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO\\_\\_BORGES.pdf](https://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf). Acesso em: 15/06/2017.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 9 ed. São Paulo: Editora Nacional, 2006.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária** Tradução: Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

HANCIAU, Nubia Jacques. **Confluências entre os discursos histórico e ficcional**. Disponível em: [hanciau.net/arquivos/CADERNOSLITERARIOS2001-](http://hanciau.net/arquivos/CADERNOSLITERARIOS2001-)

CONFLUENCIAS...pdf. Acesso em: 05/06/2017.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. 34. ed. São Paulo: Duas cidades, 2000.

NASCIMENTO MORAES, José do. **Vencidos e Degenerados**. 4ª ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Mundo Como Texto**: leituras da História e da Literatura. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, número 14, set. 2003. Disponível em: [www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30220/pdf](http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30220/pdf). Acesso em: 05/06/2017.

\_\_\_\_\_. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POUND, Erza. **ABC da literatura**. Tradução de José Paulo Paes e Augusto de Campos. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.

**ABSTRACT:** The present article, based on the novel *Vencidos e Degenerados* (1915), of the writer José do Nascimento Moraes, shows us a point of view of the daily activities of the excluded ones in a São Luís passed by social decay. For that, we discuss about two analytical views: the abolition of the slavery of the black and mixed people and the following place and discusses about them, also the conflicts in relation to the development of the letters fomented by the small group – intellectuals who, because of the position that they occupied in the society and the lack of investments to stay in the motherland – have seen themselves privated in relation to the profession of writing and spread their ideas. It's important to say that the narrative is placed in the period of the intellectual reborn idealized by the group of the *Novos Atenienses*, which were highlighted by the desire of revive the myth of the *Atenas Brasileira*.

**KEYWORDS:** Excluded people. *Novos Atenienses*. Literature and society.

## Sobre os autores

**Allyne Marie Molina Moreira** Graduada em Direito pela Universidade de Fortaleza; Mestranda em Direito no Centro Universitário 7 de Setembro.

**Ana Paula de Moraes Campos Teixeira** Coordenadora e Professora da Faculdade de Administração do Instituto Cuiabá de Ensino e Cultura (ICEC) e Instituto de Ensino Superior de Mato Grosso (IESMT). Graduada em Administração Com Habilitação em Comercio Exterior. Mestrado em Administração e Liderança. Mestranda em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária. Pós-Graduada Gestão em Negócio. [paulacampos.adm@hotmail.com](mailto:paulacampos.adm@hotmail.com)

**Angeli Rose do Nascimento** Pós-doutoranda em Educação (PPGE/UFRJ) com investigação sobre Literatura digital, currículo e formação de professores; tutora em EAD, cursos de Pedagogia (UNIRIO/CEDERJ), principalmente, nas disciplinas LITERATURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR; PORTUGUÊS INSTRUMENTAL; AVALIAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO; e ORIENTADORA DE TCCs; Doutora em Letras; Mestra em Educação, PUC-Rio, com pesquisa principal em formação de leitores(jovens) na contemporaneidade; especialista em literatura brasileira e jornalismo cultural, UERJ; graduada em Letras(UERJ).Além disso, possuo formação em terapeuta social, psicologia transpessoal (CIT/UNIPAZ-RJ) e de facilitadora holística (UNIPAZ-RJ)em Educação para a Paz. Professora convidada para diversas bancas examinadoras; parecerista de diversos periódicos acadêmicos (*ad hoc*) e e-books de instituições privadas de ES no Brasil; integra os grupos de pesquisa como colaboradora GEPEAD e NEPAA, ambos da UNIRIO. Contista e poeta, além de contadora de histórias. Autora de 2 e-books pela ATENA EDITORA, 2017, sobre formação de leitores na contemporaneidade e jornalismo cultural; e de um infanto-juvenil pela editora CIDAELA: BIOGRAFIA NÃO AUTORIZADA DE UMA MULHER PANCADA,2017. Premiada com certificação de Comendadora do PREMIO SOCIAL DE EXCELÊNCIA E QUALIDADE em EDUCAÇÃO DA BRASLÍDER,2017, SP. Secretária adjunta da ADOPEAD-RJ/Ssind-ANDES, eleita p/biênio 2017-2019. [23capitu33@gmail.com](mailto:23capitu33@gmail.com)

**Artur Angelo Ramos Lamenha** É doutorando em Administração de empresas y Comércio Internacional pela UNEX (2013); Mestre em Gestão Pública (2010), especialista em Psicologia Organizacional (2015); especialista em Economia (2012); especialista em Contabilidade e Controladoria (1998) e graduado em Ciências Contábeis (1995). Atualmente é Professor da UFAL (FEAC) nos cursos de graduação em ciências contábeis e administração, e do Centro de Estudos Superiores de Maceió - CESMAC nos cursos de especialização das áreas de Administração, Administração Pública e Ciências Contábeis. Tem trabalhos publicados em livros e artigos científicos publicados pela Revista Olhares Plurais. Recebeu prêmio do Conselho Regional de Contabilidade por participação no 20º Congresso Brasileiro de Contabilidade. É componente da Academia Alagoana de Contabilidade empossado na cátedra 21, E-mail: [artur.lamenha@gmail.com](mailto:artur.lamenha@gmail.com).

**Benedito Albuquerque da Silva** Professor da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis – FAC – Departamento de Ciências Contábeis. Graduado em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário de Várzea Grande-UNIVAG; Mestre em Ciências Contábeis e Atuariais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP;Doutor em Contabilidade pela Universidade Nacional de Rosário – Argentina; Doutorando em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária pela Universidade Católica Dom Bosco – Campo Grande – MS. E-mail para contato: [ba.silva@terra.com.br](mailto:ba.silva@terra.com.br)

**Bradlei Ricardo Moretti** Professor da Universidade Regional de Blumenau Auditor Independente. Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau - FURB; Mestrado em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau – FURB E-mail: [morettibrm@hotmail.com](mailto:morettibrm@hotmail.com)

**Carlos Alberto Oliveira Brito** Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana; Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal da Bahia; Especialização em Consultoria Industrial pela SUDENE/UFPA; Mestrado em Contabilidade pela Faculdade Visconde de Cairu. E-mail para contato: [caobrito@uol.com.br](mailto:caobrito@uol.com.br)

**Caroline do Carmo Adorno** Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Feira de Santana; E-mail para contato: [adornocaroline@gmail.com](mailto:adornocaroline@gmail.com)

**César Medeiros Cupertino**, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, Santa Catarina. Possui graduação em Ciências Contábeis pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1992), mestrado em Ciências Contábeis pela Universidade de Brasília (2003), mestrado em Economia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005), doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010), doutorado em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina e pós-doutorado em Administração pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Professor em cursos de graduação e pós-graduação, tendo atuado em diversas instituições de ensino de Santa Catarina, entre elas: UFSC, UDESC/ESAG, SOCIESC/FGV, SENAC/SC e UNIVALI. Entre as disciplinas lecionadas destacam-se as seguintes: Administração Financeira, Mercado de Capitais, Matemática Financeira, Métodos Matemáticos e Estatísticos, Contabilidade de Custos, Auditoria Contábil e Perícia Contábil. É palestrante convidado de eventos científicos e de formação profissional, como o Curso de Formação de Peritos em Contabilidade da Polícia Federal. Possui artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, com ênfase em accrual anomaly, earnings quality, earnings management, valuation, sonegação fiscal, auditoria e perícia contábil

**Denis Dall’Asta** Graduado em Ciências Contábeis pela Fundação de Ciências e Letras de Cascavel (1984), Especialista em Contabilidade Gerencial pela Universidade Estadual de Maringá (1991) e Auditoria pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1993), Mestre (2000) e Doutor (2006) em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do Mestrado em

Contabilidade e Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Membro do Conselho Editorial da Revista Ciências Sociais em Perspectiva. Líder do Grupo de Pesquisa em Contabilidade e Finanças. E-mail: [denis.asta@unioeste.br](mailto:denis.asta@unioeste.br)

**Diego Messias** Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE (2009); Especialista em Controle da Gestão Pública pela Universidade Federal da Santa Catarina (2016) e especialista em Contabilidade Pública e Responsabilidade Fiscal pelo Centro Universitário Internacional (2012); Mestre em Contabilidade pela UNIOESTE. Participante do Grupo de Pesquisa em Contabilidade Financeira e Finanças do Mestrado em Contabilidade (UNIOESTE). E-mail: [diegomessias.1986@gmail.com](mailto:diegomessias.1986@gmail.com)

**Gabriel Ramos Lamenha** É bacharel em ciências contábeis pela SEUNE, com trabalhos acadêmicos publicados pela Revista Olhares Plurais. Tem experiência com escrituração fiscal e trabalhista, relatórios gerenciais e análise das demonstrações financeiras. Recebeu prêmio do Conselho Regional de Contabilidade por participação no 20º Congresso Brasileiro de Contabilidade, E-mail: [lamenha20@hotmail.com](mailto:lamenha20@hotmail.com).

**Herivelton Antônio Schuster** Professor da Universidade da Região de Chapecó - Unochapecó, Faculdade Mater Dei e Instituto Federal do Paraná – IFPR. Graduação em Ciências Contábeis pela Faculdade Mater Dei; Mestrado em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. E-mail: [herivelton\\_schuster@hotmail.com](mailto:herivelton_schuster@hotmail.com)

**Ivone Junges** (Economista, Doutora em Engenharia de Produção e Sistemas/UFSC, Professora no Curso de Administração/UNISUL – E-mail: [ivone.junges@unisul.br](mailto:ivone.junges@unisul.br))

**Jeanne Marguerite Molina Moreira** Professor da Universidade Federal do Ceará; Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Graduada em Direito pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Mestre em Controladoria pela Universidade de São Paulo (USP); E-mail para contato: [jeannemoreira@hotmail.com](mailto:jeannemoreira@hotmail.com)

**Jerry Adriani Johann** Graduado em Engenharia Agrícola pela UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1997); Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho pela UFPR - Universidade Federal do Paraná (1998); Mestre em Engenharia Agrícola pela UNIOESTE (2001) Doutorado em Engenharia Agrícola pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas (2011). Atua na graduação em Engenharia Agrícola e na pós-graduação no mestrado/doutorado em Engenharia Agrícola e no mestrado em Administração e Contabilidade. Vice-líder do grupo de pesquisa de Geoestatística Aplicada (GGEA) (1998-Atual) e Grupo de Pesquisa de Otimização de Sistemas Agroindustriais do Oeste do Paraná (GROSAP) da

UNIOESTE (1997-Atual), e Grupo de Estudos em Geoprocessamento (GEO) da UNICAMP/SP (2000-Atual). E-mail: [jerry.johann@hotmail.com](mailto:jerry.johann@hotmail.com)

**João Vinicius Santos Correia de Melo** É pós graduando em Administração e Contabilidade Pública pela IPOG (2016); Possui graduação em Ciências Contábeis pela Seune (2015). Contém Artigo completo publicado na revista Olhares Plurais; Tem resumos publicados em anais de congressos e fez apresentações de trabalhos em simpósios e congressos, Recebeu prêmio do Conselho Regional de Contabilidade de Alagoas pela aprovação do Comitê Científico do 20º Congresso Brasileiro de Contabilidade dos dois trabalhos de sua autoria. Atualmente é diretor administrativo e contador da Torquato & Melo Assessoria Contábil e Empresarial e é Controlador Geral da Prefeitura Municipal de Anadia. E-mail: [jvscm93@hotmail.com](mailto:jvscm93@hotmail.com)

**Keizi Sacon** Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó); Chapecó, Santa Catarina.

**Leidyane Kássia Brandão Carneiro** Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Ceará (UFC); E-mail para contato: [leidyane\\_kassia\\_@hotmail.com](mailto:leidyane_kassia_@hotmail.com)

**Luiz Ivan dos Santos Silva** Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana e da Faculdade Anísio Teixeira; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade Gerencial *lato sensu* da Universidade Estadual de Feira de Santana; Graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal da Bahia; Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Especialização em Gestão Empresarial pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Especialização em Gestão Pública e Planejamento de Projetos pela Faculdade Batista Brasileira; Mestrado em Contabilidade pela Faculdade Visconde de Cairu. E-mail para contato: [prof.luizivan@hotmail.com](mailto:prof.luizivan@hotmail.com)

**Mateus Prestes** Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó); Chapecó, Santa Catarina.

**Maria Luciana de Melo** É Pós-Graduada em Contabilidade e Direito Tributário pela IPOG (Instituto de Pós-Graduação e Graduação), bacharela em Ciências Contábeis pela SEUNE (Sociedade de Ensino Universitário do Nordeste), com trabalhos acadêmicos publicados pela Revista Olhares Plurais. Atua como Gerente Financeiro. Recebeu prêmio do Conselho Regional de Contabilidade por participação no 20º Congresso Brasileiro de Contabilidade. E-mail: [malumelo87@gmail.com](mailto:malumelo87@gmail.com)

**Maressa Nadir Fonseca** Possui graduação em Direito pela Universidade de Cuiabá (2014) e graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Mato Grosso (2014). Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito

trabalhista; e na área de Contabilidade, com ênfase em Consultoria de micro e pequenas empresas.

**Michel Angelo Constantino de Oliveira** Professor nos Programas de Doutorado e Mestrado em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária e em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco. Graduado em Administração. Mestre em Desenvolvimento Local. Doutor em Economia pela Universidade Católica de Brasília. Pesquisador da área de Políticas Públicas Agroambientais, Economia Comportamental, Economia Regional e Econometria (Métodos Quantitativos). Pesquisador visitante do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada – IPEA-Brasília/DF. Editor associado da *Economic Analysis of Law Review*. É Vice-líder do Grupo de Pesquisa cadastrado no DGP/CNPq: Desenvolvimento, meio-ambiente e sustentabilidade, envolvendo pesquisadores nacionais e internacionais. No grupo de pesquisa destaca-se entre outros, o tema: Caracterização, variabilidade e diversidade genética em populações arbóreas com finalidades madeiráveis e, especialmente não madeiráveis, incluindo-se medicinais com utilização em saúde. Cientista de dados.

**Nidia Martineia Guerra Gomes** Professora do Instituto Cuiabá de Ensino e Cultura (ICEC) e do Instituto de Ensino Superior de Mato Grosso (IESMT) nos cursos de administração, ciências contábeis e direito. Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Maringá – PR. Especialista em Economia Agroindustrial pela Universidade Federal de Mato Grosso – MT. Mestre em Agricultura Tropical pela Universidade Federal de Mato Grosso – MT. Doutoranda em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária pela Universidade Católica Dom Bosco – Campo Grande – MS. E-mail para contato: [nidiaguerra2@gmail.com](mailto:nidiaguerra2@gmail.com)

**Ozeni Souza de Oliveira** Graduação em Ciências Biológicas. Pós-graduação em Ciências e Biotecnologia de Alimentos. Mestre em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária

**Reginaldo Brito da Costa** Professor titular da Universidade Católica Dom Bosco. Graduado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Mato Grosso. Mestre em Ciências Florestais pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Doutor em Ciências Florestais pela Universidade Federal do Paraná. Revisor dos periódicos científicos *Bragantia*, *Crop Breeding and Applied Biotechnology*, *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, *Ciência Rural*, *Scientia Forestalis*, *Ciência Florestal*, *Interações*, *Multitemas*. É líder do Grupo de Pesquisa cadastrado no DGP/CNPq: Desenvolvimento, meio-ambiente e sustentabilidade, envolvendo pesquisadores nacionais e internacionais. No grupo de pesquisa destaca-se entre outros, o tema: Caracterização, variabilidade e diversidade genética em populações arbóreas com finalidades madeiráveis e, especialmente não madeiráveis, incluindo-se medicinais com utilização em saúde. Membro titular do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS), Campo Grande, MS.

**Reinaldo de Almeida Coelho**, Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, Florianópolis, Santa Catarina. Possui graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999), mestrado em Industrial and Systems Engineering - Virginia Polytechnic Institute and State University (2002), mestrado em Economia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006) e Doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012). Atualmente é gerente regional - Fundo Criatec - BNDES e professor universitário da Universidade do Estado de Santa Catarina. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Finanças, atuando principalmente nos seguintes temas: alocação de recursos, políticas públicas, desenvolvimento econômico, finanças corporativas e mercado de capitais.

**René Becker Almeida Carmo** Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade Gerencial *lato sensu* da Universidade Estadual de Feira de Santana; Graduação em Ciências Econômicas pela Faculdade Católica de Ciências Econômicas da Bahia; Especialização em Consultoria Industrial pela SUDENE/UFPB; Mestrado em Ciências Agrárias pela Universidade Federal da Bahia; Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail para contato: [rene@uefs.br](mailto:rene@uefs.br)

**Roberto Carlos Klann** Professor da Universidade Regional de Blumenau. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Regional de Blumenau - FURB; Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau - FURB; Mestrado em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau - FURB; Doutorado em Ciências Contábeis e Administração pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. E-mail: [rklann@furb.br](mailto:rklann@furb.br)

**Roberto Francisco de Souza** Graduado em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena - AJES (2009). Especialização em Contabilidade Gerencial e Controladoria em andamento pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Contabilidade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), participante do Grupo de Pesquisa em Contabilidade Gerencial e Controle em Organizações do Mestrado em Contabilidade (UNIOESTE). E-mail: [robertofsouzajr@gmail.com](mailto:robertofsouzajr@gmail.com)

**Rodney Wernke** Contador, Doutor em Engenharia de Produção e Sistemas/UFSC, Professor no Curso de Administração/UNISUL e Professor no PPG em Ciências Contábeis e Administração/UNOCHAPECÓ - E-mail: [rodney.wernke@unisul.br](mailto:rodney.wernke@unisul.br)

**Rosane Aparecida Kulevicz** Professora na UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso - FAC - Faculdade de Administração e Contábeis do departamento Ciências Contábeis Desde agosto de 1992 - até o momento. Graduada na - Universidade Federal de Mato Grosso em Bacharelado em Ciências Contábeis, 1988 - 1991; Especialista em Administração, pela Universidade de Tiradentes - RJ,

Especialização em administração, 1994 – 1996; MBA em gestão Empresarial, pela Fundação Getúlio Vargas – RJ em Master of Business Administration (MBA), Economia e Gestão Empresarial, 1999 – 2001; Mestra em Ciências Contábeis e Atuariais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP em Ciências Financeiras e Contábeis e Atuariais, 1999 – 2002. Doutorando em CIÊNCIAS AMBIENTAIS E SUSTENTABILIDADE AGROPECUÁRIA. Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, Campo Grande, MS; e-mail para contato: [rosaneakulevicz@gmail.com](mailto:rosaneakulevicz@gmail.com)

**Sady Mazzioni** Doutor em Ciências Contábeis e Administração pela FURB; Professor do Programa de Mestrado Ciências Contábeis e Administração da Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó); Professor do Curso de Ciências Contábeis da Unochapecó. Chapecó, Santa Catarina.

**Sandro Aparecido Lima dos Santos** Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cuiabá. Graduado em Ciências Sociais pela UNESP – Universidade Estadual Paulista – Campus Marília. Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: sandroal.santos@gmail.com

**Selma Alves Dios** Professor da Universidade Federal Fluminense. Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade federal do Rio de Janeiro. Mestrado em Ciências Contábeis pela fundação Getúlio Vargas. Doutorado em Contabilidade e finanças pela Universidad de Zaragoza, Espanha

**Sérgio Murilo Petri** Doutor em Engenharia de Produção pela UFSC; Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Contabilidade da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Professor do Curso de Ciências Contábeis da UFSC. Florianópolis, Santa Catarina.

**Silvana Dalmutt Kruger** Doutoranda em Contabilidade pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Mestra em Contabilidade e Professora do Curso de Ciências Contábeis da Unochapecó; Chapecó, Santa Catarina.

**Sílvio Parodi Oliveira Camilo** Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC, Criciúma, Santa Catarina. Pós-doutorado em Ciências Contábeis-PPGC-UFSC. Doutorado em Administração e Turismo pela Universidade do Vale do Itajaí. Mestrado em Administração e Negócios, com ênfase em estratégia empresarial (PUC/RS). Pós-graduação em Finanças das Empresas, em nível de especialização (UFRGS). Graduado em Administração de Empresas pela Faculdade Porto Alegre de Ciências Contábeis e Administração. Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Graduação em Ciências Econômicas (UNISUL). Estudante de Filosofia (UNISUL). Líder do Grupo de Pesquisa Estratégia e Competitividade -GECOMD (UNESC); e membro do GP Estudos em Estratégia e Performance- GEEP (UNIVALI/SC). Professor de Pós-graduação do Mestrado em

Desenvolvimento Socioeconômico - PPGDS (UNESC). Tem interesse em pesquisa nos seguintes temas: Finanças, Estratégia, Governança Corporativa, Determinantes da Inovação e Procedimentos Metodológicos de Pesquisa. É membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD) nas áreas temáticas de Estratégia, Finanças e Contabilidade

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-52-3



9 788593 243523